

Organizadores:
Clotilde Perez, Eneus Trindade
Maria Immacolata Vassallo de Lopes
e Márcia Pinheiro Olhson

PPGCOM-USP

50 ANOS:

entre o passado e o futuro, nosso percurso

© Vários autores, 2023

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, sem autorização prévia por escrito da editora, sejam quais forem os meios empregados.

ORGANIZADORES

Clotilde Perez, Eneus Trindade, Maria Immacolata Vassallo de Lopes e Márcia Pinheiro Olhson

DIREÇÃO EDITORIAL

Kathia Castilho e Solange Pelinson

REVISÃO

Leoberto Balbino

PROJETO GRÁFICO E EDIÇÃO DE ARTE

Marcelo Max

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (BENITEZ Catalogação Ass. Editorial, MS, Brasil)

P146 PPGCOM USP 50 anos : entre o passado e o
1.ed. futuro, nosso percurso / organizadores
Clotilde Perez...[et al.]. – 1.ed. –
São Paulo : Estação das Letras e Cores, 2023.

Outros organizadores: Eneus Trindade, Maria Immacolata Vassallo de
Lopes, Márcia Pinheiro Olhson.

ISBN : 978-65-5029-027-6

1. Ciências sociais. 2. Comunicação. 3. Pesquisa – Aspectos sociais.
4. Pós-Graduação. 4. Professores – Formação. I. Perez, Clotilde. II. Trindade,
Eneus. III. Lopes, Maria Immacolata Vassallo de. IV. Olhson, Márcia Pinheiro.

03-2023/64

CDD 300

Índices para catálogo sistemático:

1. Ciências sociais 300

Bibliotecária: Aline Grazielle Benitez CRB-1/3129

Estação das Letras e Cores Editora

Av. Real, 55 – Aldeia da Serra

06429-200 – Barueri – SP

Tel.: 55 11 4326-8200

 www.estacaoletras.com.br

 facebook.com/estacaodasletrasecoreseditora

 [@estacaodasletrasecores](https://instagram.com/estacaodasletrasecores)

Organizadores:
Clotilde Perez, Eneus Trindade
Maria Immacolata Vassallo de Lopes
e Márcia Pinheiro Olhson

PPGCOM-USP

50 ANOS:

entre o passado e o futuro, nosso percurso

2023



Obra financiada pelo:

PROAP
Programa de Apoio à
Pós-Graduação



CCN **USP**
ESCOLA DE COMUNICAÇÕES E ARTES
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

**Estação
das Letras
e Cores**

De passagem

Mayra Rodrigues Gomes

Com a aposentadoria, afastada da maior parte das atividades ligadas à universidade, escrevo este texto na perspectiva dos momentos, dos fluxos que compuseram o passado da minha vida acadêmica. Estive de passagem em diferentes espaços, que, muitas vezes, se sobrepuseram uns aos outros, agindo em conformidade a seus respectivos protocolos e tarefas.

Minha passagem pela USP como professora durou 23 anos e como aluna, contando graduação e pós-graduação, mais uns 12 anos. Certamente está neste espaço empenhada uma boa parcela de minha vida, que talvez seja a passagem mais longa se descontarmos aquela, por acaso sem fim, como mãe de família.

Após tantos prefácios às obras de queridos ex orientandos, vejo o convite à escritura deste texto como a hora do mergulho em meu posfácio acadêmico. Pois bem, com a formação original em filosofia, meu interesse pela pós-graduação em comunicação foi estimulado pela Prof^a Dulcília Buitoni (gratidão sempre), posteriormente minha orientadora no mestrado e no doutorado, com pesquisas sob o viés das linguagens.

É importante que esse termo apareça no plural, ao menos no início deste relato, pois não se trata aqui, e não se tratava então, de pensar línguas do ponto de vista dos estudos em linguística, ou do estudo de produções literárias, ou do aprendizado da proficiência, ou da língua como instrumento de conversação/comunicação, argumentação e persuasão.

É importante a expressão “linguagens” para marcar que nos preocupávamos com as múltiplas formas, talvez infinitas, com que chegamos a simbolizar as pessoas, as coisas e as relações no mundo: as figuras, as letras, os gestos, os sons etc.

As linguagens eram concebidas por mim e pelo grupo de professoras, que mais tarde substituí junto ao Departamento de Jornalismo e Editoração, a partir de observações oriundas de estudos sob a ótica de seu poder constitutivo. Em suma, eram pensadas sob a concepção central do “sujeito de linguagem”, ou de um indivíduo cuja subjetivação só se concebe por sua assunção das linguagens, pelo acesso à dimensão simbólica, ou pelos processos simbólicos com que ele pode se encarnar.

Autores de diferentes campos de saber que se consolidaram em torno da “virada linguística”, reviravolta epistêmica que recebeu esse nome justamente pela compreensão do papel da linguagem na constituição do humano, foram muito importantes em minha formação durante a pós-graduação.

Dois professores se destacam nesse trecho do meu caminho, ambos em posições um tanto antagônicas, mas, sem que quisessem, compartilhando muitas ideias e achados.

Estive estudando/trabalhando com o grupo coordenado pelo professor Ciro Marcondes, durante cinco anos. Leituras teóricas em torno da pós-modernidade eram constantes, assim como os grupos de debates e a escrita de pequenos ensaios. A abertura de novas perspectivas, a rigor expansão de saber, representou intensa assimilação de conhecimento. Gratidão ao professor que só me engrandeceu.

Estive vários anos estudando com a professora Jeanne Marie Machado de Freitas. Além das aulas em suas disciplinas na pós-graduação, eu e um grupo de estudantes nos reuníamos em sua casa para leitura e discussão da obra de Jacques Lacan.

Foram ótimos momentos de convívio, embora pautados pela dificuldade de entender a escritura lacaniana. Quanto a isso, eu me lembro que começamos pelo Seminário *Encore*, que é na realidade uma das últimas obras de Lacan e, portanto, reúne, sintetizando, muito do que ele havia anteriormente colocado. Li pela primeira vez (sou uma total imbecil), pela segunda vez (continuo uma imbecil, mas, esclarecida), pela terceira vez (Nossa! Será verdade? Entrevejo uma luz e um sentido...). Gratidão a

Jeanne Marie que me levou a perceber um fio condutor na obra de Lacan e a importância do legado da psicanálise para os estudos em comunicação.

Penso, até hoje, que minha formação para posteriores estudos, leituras, reflexões, artigos e até para o planejamento das disciplinas que ministrei, tanto para graduação quanto para pós-graduação, está fortemente embasada nos caminhos que Ciro e Jeanne Marie me apresentaram.

Quanto a esses posteriores empreendimentos, posso com segurança apontar um foco central que esteve presente, implícita ou explicitamente, em todos eles. Tratava-se sempre de demonstrar que as palavras caminham em direção às coisas, mas carregam consigo um conjunto de ideias que acaba por constituir a natureza das coisas. De tal modo que, em relação às representações, elas tropeçam e rasuram a pretensão de acesso a uma possível coisa em si.

Ora, desse foco outras meadas conceituais se desprendem, elas próprias condutoras de reflexões, uma vez que amarram os sentidos subentendidos nessa concepção do que seriam as palavras. Em primeiro lugar, quesito fundamental para alunos na área da comunicação, está a compreensão de que as palavras não são neutras e, portanto, nunca devem ser tomadas como meros instrumentos: elas invocam sentidos até mesmo à nossa revelia. Não é à toa que o controle das palavras, ao longo dos processos civilizatórios, foi objeto de disputas e, hoje em dia, tem se encarnado nas lutas pelos termos politicamente corretos, ou seja, aqueles que, segundo a orientação humanitária de muitos, contemplam maior equidade.

Por outro lado, ainda nesse registro, se o controle das palavras sempre se fez tão ambicionado é porque elas invocam uma modalidade de subjetividade, toda vez que um indivíduo as assume. Mais uma volta no parafuso da ideia do sujeito de linguagem: além de se constituir sujeito em virtude do acesso à dimensão simbólica, ele se constitui como um “tipo de sujeito”, conforme sua partilha das palavras. Acho que com um exemplo banal posso esclarecer minha colocação: a escolha entre os termos ocupação ou invasão, para descrever algumas ações de apropriação, diz com uma só palavra tudo sobre a posição de sujeito assumida, portanto sobre sua subjetividade e modo de ver o mundo, a rigor, sobre suas possíveis empreitadas sociais.

Ora, nesse caso, o fato de que as palavras comportam múltiplos e enraizados significados só pode ser entendido como a revelação

de um compromisso que elas mantêm numa proporção mais ampla. Por reunirem coerentemente uma série de sentidos, os centrais e os complementares, numa formação ampla, desde meados do século passado essa formação tem sido pensada sob a rubrica “discurso”.

As quatro modalidades de discursos colocadas por Lacan eram, sem explicitar, a referência notória aos conjuntos discursivos que embalam o mundo das palavras. Claro que para efeito das disciplinas que ministrei, sob o nome de Ciências da Linguagem, as bases teóricas de referência foram as colocações iniciais de Michel Pêcheux, e as subsequentes reflexões desenvolvidas por Dominique Maingueneau e Patrick Charaudeau.

O encontro com as palavras de Charaudeau¹, que num único parágrafo resumiam tudo desse mundo languageiro, foi providencial. Elas se tornaram um ponto de inflexão didática. Com elas ficava fácil explicar em aula, passo a passo, cada tópico do próprio parágrafo, mostrando assim as manifestações concretas que, afinal, tecem as materialidades do mundo.

Contudo, numa última linha que se destaca da meada condutora inicial, e que perpassou meus estudos e produções, é preciso colocar a pergunta sobre o mecanismo das escolhas individuais. Afinal, os discursos circulantes a um tempo e lugar, numa determinada cultura e visada teleológica são muitos. No entanto, e no geral, é com naturalidade que os indivíduos assumem um ou outro discurso, sem grandes conflitos morais, mas com firme adesão que pautará o resto de suas vidas.

Por causa dessa condição, as identificações se tornaram um aspecto forte de minhas investigações e, posteriormente, de temas em aulas. Elas envolveram as observações da psicanálise e as de muitos achados de sociologia e de psicologia social.

No conjunto, eu pretendia mostrar os pontos de apoio em que uma identificação se atrela: pais e mestres educaram para certas ideias, e se as ideias são encontradas em determinado discurso, o nó de ligação está pronto, calcado na autoridade desses cuidadores. A opinião da maioria de convívio também concorre para um liame, assim como as fragilidades e os interesses pessoais fazem ligação com os discursos

¹ “O discurso circulante é uma soma empírica de enunciados com visada definicional sobre o que são os seres, as ações, os acontecimentos, suas características, seus comportamentos e os julgamentos a eles ligados” (CHARAUDEAU, 2006, p. 118).

que parecem contemplar e suprir tanto carências quanto ambições.

Falei em firme adesão que acompanhará um indivíduo ao longo de sua vida em virtude de outra característica das identificações, característica que deve ser bem mostrada e sopesada, quando se pretende um espírito crítico, como aquele desejável no exercício do jornalismo.

Por um lado, as identificações são bem-sucedidas desde que haja um apagamento, uma cegueira em relação aos pontos contraditórios entre discursos, aos pontos contraditórios de um discurso assumido frente a uma possível percepção crítica de mundo, à relevância possível dos contradiscursos e ao fato de sua potência como criação de realidades.

Por outro lado, uma vez construída uma subjetividade sobre uma plataforma discursiva, mudar de posição, tarefa sempre temerosa, significa mexer consigo próprio ou se reinventar. Daí podermos dizer que, ao longo de uma vida, dificilmente um indivíduo se deixa permear, ou sequer se permite oscilar entre discursos.

No geral, até este momento, a presente exposição dá conta dos assuntos, conceitos e teorias que procurei desenvolver em parte das disciplinas que ministrei para a graduação e para pós-graduação. Tais disciplinas poderiam ser concebidas como calcadas em duas partes. A primeira parte, com caráter formativo no que tange a introdução a pensadores da comunicação em geral, tinha seu foco em análise de discurso e foi desenvolvida sob a rubrica *Dos Discursos*.

A segunda parte, estreitamente ligada a essa primeira, esteve voltada para exercícios, análise de mídia e experiências em hipermídia, foi desenvolvida sob a rubrica *Das Narrativas*.

As reflexões sobre discurso anteriormente exploradas levam a questionar os modos de sua consolidação junto ao corpo social. Claro que, tecnicamente, são as adesões, os compartilhamentos de um discurso que constituem sua base de confirmação, legitimação, reprodução e, muitas vezes, transformação ao mesmo tempo que perenização. Pelas identificações se tecem os compartilhamentos, mas é pelas histórias contadas, matéria dos discursos, que serão criados os “pontos de basta”. A metáfora introduzida por Lacan serve a mostrar como os pontos de basta, nos estofamentos, puxam e prendem os tecidos ao enchimento. São eles, e são muitos, que agrupam, que fazem convergir sentidos, fechando os significados em torno de si.

Muito já se falou sobre o poder agregador de um mito de origem; contado e sacralizado como tal é suficiente para agregar um povo em torno de uma ideia de si, compatível com o mito ou mesmo demandada pelo mito em sua procura de preservação.

As histórias podem ser vistas sob essa perspectiva social, ou seja, de validação de uma série de ideias, de legitimação discursiva, mas também devem ser pensadas sob o ponto de vista das subjetivações. Para tanto, é suficiente lembrarmos que as subjetivações se alçam a partir do atrelamento de um sujeito a uma história de si, desse contar incessante com o qual nos debruçamos sobre nós mesmos.

De qualquer modo as narrativas, tanto na função individual quanto na social, cumprem um papel fundamental de afastamento da ausência de sentido, do vazio de sentido que assombra e talvez paire, de plantão, como ameaça em nosso horizonte.

A esse propósito gostaria de lembrar artigo que escrevi há muito tempo atrás: “Da Narrativa, Mais Uma Vez: Transcurso por *As Aventuras de Pi*”, publicado na revista *Novos Olhares*, em junho de 2013.

Nele abordo essa questão do vazio de sentido porque o filme analisado se presta, com perfeição, ao assunto. Pi Patel, personagem central da história, escolhe narrar suas aventuras como náufrago de forma absolutamente heroica e romantizada, rasurando momentos cruéis em que até a antropofagia está subentendida. Questionado sobre sua opção narrativa ele devolve a questão: que versão aquele que escuta a história escolheria?

Cito a mim mesma no parágrafo final do artigo, lembrando que minha referência ao Real, com letra maiúscula, carrega a concepção lacaniana dessa dimensão:

“*Life of Pi* ganhou quatro Oscar na 85th Academy Awards, entre eles o de sua direção pelo celebrado Ang Lee. O filme tem sido objeto de muitos comentários. Até agora, nenhum deles mencionou essa incrível façanha de fazer com que até o espectador, sabendo como provavelmente os fatos aconteceram, se recuse a aceitá-los e embarque, ele também, no acordo de justeza do narrador, acordo que tem, tudo somado, a função primeira de alijar o vazio do Real” (GOMES, 2013, p. 16).

Em minhas disciplinas, para graduação e pós, sempre tentei explicar esse poder criador das narrativas, criador de mundos e de pessoas a eles adequadas, enfim, de sentidos. Mas também introduzia

os estudos das estruturas narrativas, dos modos de contar histórias que seguem um certo padrão.

Atravessávamos esses padrões ou roteiros de contadores de história, fazendo-os incidir sobre produções midiáticas de diversas plataformas, mostrando na vida vivida a presença constante das narrativas e suas escolhas de caminhos ou de enredos sedutores.

Assim, minhas disciplinas para pós-graduação estiveram em perfeita sintonia com a área e a linha de pesquisa em que me inseri no PPGCOM – **Área de Concentração:** Teoria e Pesquisa em Comunicação, Linha de Pesquisa: Linguagens e Estéticas da Comunicação.

No que tange os projetos de pesquisa que desenvolvi, com bolsa Produtividade em Pesquisa pelo CNPq, todos eles estiveram calcados nessa formação teórica que me acompanha e todos estiveram voltados para questões de linguagem.

Estive empenhada em projetos voltados para a liberdade de expressão, para a censura, para as palavras proibidas em períodos de forte repressão, assim como no cotidiano da atualidade, e para as palavras, junto à prática do jornalismo, que carregam significados subentendidos e que expressam, à sua revelia, preconceitos e processos de exclusão.

No momento, finalizo pesquisa para o CNPq, na modalidade Bolsa Produtividade em Pesquisa, Nível: PQ-1D, Vigência: de 01/03/2019 a 28/02/2023, sob o título “Os nomes da violência contra as mulheres. Das narrativas no jornalismo”, que, como se vê pelo título, encontra-se absolutamente vinculada aos estudos de linguagem que me conduziram ao longo do trajeto acadêmico.

Em minha experiência com a pós-graduação no PPGCOM estive envolvida de diversos modos, a começar pela reforma inicial do programa, quando ele precisava de melhor classificação junto aos órgãos avaliadores, e, na continuidade, com a participação na Comissão de Pós-Graduação que se estendeu por vários anos: sob a coordenação da professora Maria Immacolata Vassalo de Lopes, do professor Eneus Trindade, da professora Roseli Figaro e, no momento, da professora Clotilde Perez.

Foi uma convivência agradável e muito enriquecedora a que tive com os professores coordenadores e com os outros membros da Comissão ao longo dessa fase na vida. Esses colegas foram motivo de muita inspiração, sempre ensinando muita competência.

Minha atuação como professora na pós-graduação durou quase tanto tempo quanto minha presença na USP como docente. Foi talvez breve, em relação a outros que estiveram lá desde muitas décadas, mas, com certeza, foi bastante intensa e academicamente produtiva.

Sem sombra de dúvida, vejo essa passagem com reverência, com orgulho e gratidão, como um momento de grande brilho em minha vida.

Referências

- BAKHTIN, M. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1995.
- BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- CASTORIADIS, C. **A instituição imaginária da sociedade**. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- CHARAUDEAU, P. **Discurso das mídias**. São Paulo: Contexto, 2006.
- DELEUZE, G. **Lógica do sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1998b.
- ECO, U. **Viagem na irrealidade cotidiana**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. São Paulo: Loyola, 1996.
- FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1995.
- FREUD, S. **Psicologia de grupo e análise do ego**. Edição Standard Brasileira. V. XVIII (1920-1922). Rio de Janeiro: Imago, 1976.
- GOMES, M. Da narrativa, mais uma vez: transcurso por “As aventuras de Pi”. **Novos Olhares**, v. 2, n. 1, 16 p., jun. 2013. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/novosolhares/article/view/57036>.
- LACAN, J. **Livro 20 mais, ainda**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- LYOTARD, J. **La condition postmoderne**. Paris: Minuit, 1979.
- MAINGUENEAU, D. **Gênese dos discursos**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.
- MOSCOVICI, S. **Representações sociais**. Investigações em psicologia social. Petrópolis, RJ: Vozes, 2003.
- PÊCHEUX, M. **O discurso, estrutura ou acontecimento**. Campinas: Pontes, 1990.
- PROPP, V. **Morfologia do conto maravilhoso**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1984.
- VOGLER, C. **A jornada do escritor: estruturas míticas para escritores**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- ZIZEK, S. **Bem-vindo ao deserto do real**. São Paulo: Boitempo, 2002.